

ENSAIO

GRAMÁTICA BEM ANCORADA NAS AULAS DE PORTUGUÊS: O PAPEL DOS SUBSUNÇORES NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E CONTEXTUALIZADA DA MORFOSSINTAXE DOS SUBSTANTIVOS

GRAMÁTICA BIEN ANCLADA EN CLASES DE PORTUGUÉS: EL PAPEL DE LOS SUBUNITORES EN EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO Y CONTEXTUALIZADO DE LA MORFOSINTAXIS DE LOS SUSTANTIVOS

GRAMMAR WELL ANCHORED IN PORTUGUESE CLASSES: THE ROLE OF SUBUNITORS IN MEANINGFUL AND CONTEXTUALIZED LEARNING OF NOUNS' MORPHOSYNTAX

Maycon Dias Prado¹

Ana Paula Fernandes Klem²

RESUMO:

Este ensaio busca estabelecer conexões entre a Teoria da Aprendizagem Significativa, os mapas conceituais e o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa. Por meio da pesquisa bibliográfica, abordam-se a teoria da aprendizagem aqui em análise e as contribuições da ferramenta mapa conceitual para a educação. Em seguida, destacam-se as contribuições da Linguística Textual,

¹ Possui graduação em Letras - Português e Literaturas pelo Instituto Federal Fluminense (2018). Atualmente é professor contratado da Escola Municipal Lions I. Cursa Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (IFFluminense). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino de Língua Portuguesa, Produção de Textos, Leitura e Literatura. E-mail: maycon.iowa@gmail.com

² Possui graduação em Letras - Português - Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), curso de Formação Pedagógica para Docentes pela Universidade Candido Mendes (2009) e especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade Martins (2018). Atualmente, cursa o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Fluminense. Desde 2015, faz parte do quadro de docentes EBTT do Instituto Federal Fluminense, atuando como professora de Língua Portuguesa. E-mail: anapaulafklem@gmail.com

Análise do Discurso e Gramática Contextualizada para o ensino de língua materna. Por fim, aponta-se, por meio de um mapa conceitual, a importância de subsunções sólidas no ensino da morfossintaxe do substantivo. Conclui-se que tal teoria pode contribuir para uma aprendizagem significativa e contextualizada de língua materna, de modo a potencializar conteúdos relacionados à gramática e à produção do gênero textual manchete.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem Significativa. Mapas conceituais. Língua Portuguesa. Gênero Textual Manchete. Substantivos.

RESUMEN:

Este ensayo busca establecer conexiones entre la Teoría del Aprendizaje Significativo, los mapas conceptuales y la enseñanza de la gramática en las clases de Lengua Portuguesa. A través de la investigación bibliográfica, aquí se analiza la teoría del aprendizaje y los aportes de la herramienta del mapa conceptual para la educación. A continuación, destacamos los aportes de la Lingüística Textual, el Análisis del Discurso y la Gramática Contextualizada para la enseñanza de la lengua materna. Finalmente, se señala, a través de un mapa conceptual, la importancia de las subunciones sólidas en la enseñanza de la morfossintaxis del sustantivos. Se concluye que dicha teoría puede contribuir a un aprendizaje significativo y contextualizado de la lengua materna, con el fin de potenciar contenidos relacionados con la gramática y la producción del género del texto titular.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje significativo. Mapas conceptuales. Lengua portuguesa. Título de género textual. Sustantivos.

ABSTRACT:

This essay seeks to establish connections between the Theory of Meaningful Learning, concept maps and the teaching of grammar in Portuguese Language classes. Through bibliographic research, the theory of learning is analyzed here and the contributions of the conceptual map tool for education. Then, we highlight the contributions of Textual Linguistics, Discourse Analysis and Contextualized Grammar for the teaching of the mother tongue. Finally, it is pointed out, through a conceptual map, the importance of solid subsunptions in the teaching of noun morphosyntax. It is concluded that such a theory can contribute to a meaningful and contextualized learning of the mother tongue, in order to enhance contents related to grammar and the production of the headline text genre.

KEYWORDS: Meaningful Learning. Concept maps. Portuguese language. Textual Genre Headline. Nouns.

1 - INTRODUÇÃO

O século da informação é caracterizado não só pela velocidade com a qual os dados circulam pelo planeta, mas pela quantidade deles que se encontra em movimento. Seja por meio de suportes impressos ou digitais, textos, em múltiplas línguas e linguagens, atravessam o globo terrestre rapidamente, enquanto os seres humanos se apropriam deles para diferentes fins, como para se informar, se entreter ou se instruir. A educação formal, como um fenômeno sensível aos movimentos humanos no decorrer do tempo, não se mantém intacta dentro desse novo cenário global, visto que a escola, sua instituição oficial, passa a não ser mais o local onde se obtém acesso ao que a humanidade produziu e vem produzindo, enquanto os estudantes, ao manusearem as ferramentas tecnológicas, exploram diversas possibilidades de aprendizagem, sendo que algumas se distanciam das que são ofertadas nas salas de aula.

A acessibilidade e a autonomia que são oferecidas pelas tecnologias digitais, no entanto, não devem ser consideradas como garantia de que toda apreensão de conhecimento executada ou mediada por elas será efetuada com sucesso; ou, ainda, de que essas mesmas tecnologias podem suplantam o trabalho docente e as discussões acerca do processo de ensino-aprendizagem. É evidente que o convívio facilitado com as redes de informação requer um indivíduo preparado para lidar, de forma crítica, com os textos³ que lê, apropriando-se deles ou criticando-os. Sob essa demanda, os professores devem prezar por um ensino que ultrapasse as superficialidades causadas pela velocidade com que se apresentam as narrativas, por um ensino que dote de significado aquilo que é aprendido, contribuindo para a aquisição de novos saberes ou reconstrução do que já se aprendeu.

É com esse objetivo que este ensaio busca estabelecer conexões entre a Teoria da Aprendizagem Significativa e o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, destacando a importância dos subsunçores, por meio de representações em um mapa conceitual, no qual se evidencia a classe gramatical dos substantivos como um conhecimento prévio, no qual se ancoram conceitos sobre a função sintática sujeito e, nesta, sobre o gênero textual manchete. A leitura

³ Neste ensaio, adotamos uma perspectiva ampla da palavra texto, elemento que engloba tanto aspectos verbais (ou seja, da palavra), quanto não verbais, como imagens, sons, cores etc.

e a escrita competentes não são construídas apenas com base em aspectos gramaticais, de modo que aprender, de forma significativa, a estrutura da língua por meio da qual o aluno se expressa oferece-lhe possibilidades para explorá-la de acordo com os seus anseios e suas necessidades, além de potencializar a leitura de diferentes gêneros textuais. Uma aprendizagem significativa de conteúdos gramaticais, portanto, pode contribuir para a formação de um indivíduo que assuma uma postura ativa e crítica perante as informações a que tem acesso.

A discussão realizada neste texto está estruturada em três partes: na primeira, apresentam-se as considerações da Teoria da Aprendizagem Significativa, de modo a destacar os postulados do psicólogo David Ausubel e as contribuições dos pesquisadores Marco Antônio Moreira e Joseph D. Novak, sendo este último evocado para referenciar a utilização da ferramenta mapa conceitual. Posteriormente, traça-se um breve panorama sobre a disciplina Língua Portuguesa e o ensino de gramática, de modo a destacar as contribuições da Linguística Textual, da Análise do Discurso e da Gramática Contextualizada para um ensino reformulado de língua materna. Por fim, aponta-se, por meio de mapas conceituais, a importância de subsunções sólidas para a construção de novos conhecimentos sobre a classe gramatical substantivo, a função sintática sujeito e o gênero textual manchete.

2 - A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E OS MAPAS CONCEITUAIS

O perfil da sala de aula atual ainda é caracterizado por aspectos da educação tradicional, com predominância de aulas expositivas, postura passiva do alunado e protagonismo docente nas atividades de ensino e aprendizagem. Uma aprendizagem que se denomina significativa vai de encontro a essa realidade, uma vez que é dotada de significado, de sentido, e torna-se, assim, relevante e não imposta a quem aprende. Ao se considerar a Teoria da Aprendizagem Significativa, criada pelo psicólogo estadunidense David Ausubel, verifica-se que o termo “significativa” ganha outros contornos e uma maior profundidade, ao mesmo tempo em que conceitua um conjunto de processos ocasionados na estrutura mental do indivíduo.

A Aprendizagem Significativa é denominada como “aquela em que o significado do novo conhecimento vem da interação com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do aprendiz com um

certo grau de estabilidade e diferenciação” (MOREIRA, 2009, p. 31). Trata-se, portanto, de uma perspectiva da aprendizagem que não considera o indivíduo como uma tábula rasa, caracterização comum dentro de uma perspectiva inatista de educação (ARANHA, 2006), mas sim como um ser que já adquiriu, por meio de experiências anteriores, algum conhecimento sobre o qual possam ser ancorados outros, mais novos.

Esse tipo de ancoragem⁴ se dá sobre os subsunçores, que são ideias já existentes na estrutura cognitiva do indivíduo. Elas possuem perfil diverso, podendo ser “um conceito, uma proposição, uma imagem, um símbolo, enfim um conhecimento específico, com pelo menos alguma clareza, estabilidade e diferenciação” (ibidem, p. 32). Nesse sentido, a estrutura cognitiva humana seria composta por subsunçores e as relações entre eles. É necessário também que o ser que aprende esteja engajado no processo, motivado a relacionar o que se vai aprender com que já se sabe. Em suma, “Ausubel entende por ancoragem a propriedade que as idéias pré-existentes têm de fornecer apoio às novas idéias recém aprendidas” (FRAZZON, 1999, p. 20).

A relação entre as ideias existentes na cognição e as que podem ser adquiridas ocorre por uma série de dinâmicas, as quais, devido à breve extensão deste ensaio, não serão expostas e detalhadas por completo. Destacam-se aqui apenas três delas: assimilação, diferenciação progressiva e reconciliação integrativa. A assimilação ocorre quando um novo conhecimento se ancora ao conhecimento já existente, de modo que ambos são modificados e enriquecidos por esse processo. A diferenciação progressiva, por sua vez, trata apenas das mudanças ocorridas nos subsunçores durante o processo de assimilação, pois estes não são estruturas rígidas, mas flexíveis e que podem ser acrescidos de conceitos ou representações. Por fim, a reconciliação integrativa trata da recombinação de elementos já existentes na estrutura cognitiva, de modo que, a partir de uma nova ordenação, pode surgir um novo significado.

Uma ferramenta bastante utilizada para representar essas relações de sentido entre as ideias é o mapa conceitual, instrumento criado por Joseph D. Novak, o qual foi um educador estadunidense e discípulo de Ausubel. Apesar de nunca ter sido

⁴ “O termo ancorar, no entanto, apesar de útil como uma primeira ideia do que é aprendizagem significativa não dá uma imagem da dinâmica do processo” (MOREIRA, 2012, p. 5).

mencionado por este estudioso, esses mapas, os quais “são diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais, se for o caso” (MOREIRA, 2012, p. 1), podem ser utilizados na organização das diversas etapas de ensino, de acordo com a Teoria da Aprendizagem Significativa, as quais implicam:

1) identificar a estrutura de significados aceita no contexto da matéria de ensino; 2) identificar os subsunçores (significados) necessários para a aprendizagem significativa da matéria de ensino; 3) identificar os significados preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz; 4) organizar sequencialmente o conteúdo e selecionar materiais curriculares, usando as ideias de diferenciação progressiva e reconciliação integrativa como princípios programáticos; 5) ensinar usando organizadores prévios, para fazer pontes entre os significados que o aluno já tem e os que ele precisaria ter para aprender significativamente a matéria de ensino, bem como para o estabelecimento de relações explícitas entre o novo conhecimento e aquele já existente e adequado para dar significados aos novos materiais de aprendizagem (ibidem, p. 6-7).

Os mapas, portanto, podem ser aplicados em uma ampla quantidade de ações pedagógicas que adotam a Aprendizagem Significativa, evidenciando também o princípio apontado no tópico de número cinco, descrito na citação anterior, que destaca a importância dos organizadores prévios, sendo estes intimamente ligados aos conhecimentos que os alunos já possuem. Para que essas ações sejam desempenhadas, são necessárias, conforme aponta Frazzon (1999, p. 11), algumas condições básicas, as quais garantem o sucesso da aprendizagem significativa proposta por Ausubel:

1 – o conteúdo de aprendizagem deve possuir significação lógica real ou potencial; 2 – entre os conteúdos de aprendizagem e os conhecimentos prévios dos alunos deve existir numa (sic) distância relativa para que os alunos encontrem sentido psicológico (o novo motivo) e 3 – que o aluno esteja disponível, tenha pré-disposição vontade e se esforce para aprender.

As observações da autora supracitada acerca dos conteúdos chamam a atenção para a importância de se ensinarem elementos que possuam “significação lógica real ou potencial”, ou seja, conteúdos dotados de sentido para a realidade do alunado. Quando se reflete acerca das condições atuais do ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras, é preciso repensar quais concepções de língua

estão sendo adotadas pelo professor e, especificamente, como a aprendizagem de conteúdos gramaticais pode ser realizada de modo que possua sentido para o aluno. Esses questionamentos ganham profundidade no tópico a seguir.

3 - A LÍNGUA PORTUGUESA E O ENSINO DE GRAMÁTICA

Existem diversas maneiras de se conceber o estudo da língua(gem). É possível entendê-la a língua como um sistema de signos ou de regras, cuja análise prioriza os aspectos inerentes à sua estrutura; ou, também, entendê-la como um mecanismo de comunicação, e, nesse sentido, o seu estudo ultrapassaria os aspectos imanentes à sua estrutura e abrangeria as questões relativas à enunciação. De qualquer forma, pode-se afirmar que “qualquer estudo da linguagem é hoje, de alguma forma, tributário de Saussure, quer tomando-o como ponto de partida, assumindo suas postulações teóricas, quer rejeitando-as” (BRANDÃO, 2004, p. 07).

Dentre as correntes teóricas que surgiram com o objetivo de pensar o estudo da língua para além das análises estruturalistas, destacam-se, para este trabalho, as contribuições da Análise do Discurso e da Linguística Textual.

Os primeiros estudos sob a ótica da Análise do Discurso surgem a partir dos anos 50 com os trabalhos de Jakobson e Benveniste sobre a questão da enunciação. A partir dos anos 60, no entanto, a Análise do Discurso (doravante AD) se consolida como uma ciência de caráter necessariamente interdisciplinar, uma vez que busca no Estruturalismo, na Psicanálise e no Marxismo a sua fundamentação.

O projeto inicial da AD era questionar os postulados estruturalistas que restringiam o estudo da linguagem às regularidades inerentes a uma estrutura linguística. Enquanto para o Estruturalismo a “língua não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo” (MUSSALIM, 2006, p. 102), para a AD, a língua é um fato social, e, por isso, o estudo da linguagem deve transcender o aspecto imanente da língua. Deve-se, portanto, em uma análise linguística, buscar relacionar a linguagem à ideologia.

Em seu livro *Introdução à análise do discurso*, Brandão (2004, p. 9) afirma que:

Fica evidente que uma linguística imanente que se limite ao estudo interno da língua não poderá dar conta do seu objeto. É necessário que ela traga para o interior mesmo do seu sistema um enfoque que articule o linguístico e o social, buscando as relações que vinculam a linguagem à ideologia. Sistema de significação da realidade, a linguagem é um distanciamento entre a coisa representada e o signo que representa. E é nessa distância, no interstício entre a coisa e sua representação sígnica, que reside o ideológico.

Por outro lado, ao tecer considerações sobre um breve percurso histórico dos estudos linguísticos, Bentes (2008) enfatiza a trajetória das reflexões sobre a linguagem até os dias atuais, em que há uma valorização do texto como unidade de análise dos aspectos gramaticais. Segundo Bentes,

Sem dúvida, o surgimento dos estudos sobre o texto faz parte de um amplo esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, de constituição de um outro campo (em oposição ao campo construído pela Linguística Estrutural), que procura ir além dos limites da frase, que procura reintroduzir, em seu escopo teórico, o sujeito e a situação de comunicação, excluídos das pesquisas sobre a linguagem pelos postulados dessa mesma Linguística Estrutural — que compreendia a língua como sistema e como código, com função puramente informativa (BENTES, 2008, p. 245).

Com base nos pontos de vista acima expostos, fica claro que as teorias linguísticas avançaram e contribuíram para uma visão da língua que ultrapasse os limites da estrutura, valorizando, portanto, o texto, que, conforme Fávero e Koch (2012, p. 15), são “os textos a forma específica de manifestação da linguagem”. Em consequência, essas novas concepções de língua oferecem outras perspectivas para se refletir sobre a forma de ensiná-la, de modo que o foco no texto ultrapassa o ensino de gramática voltado para memorização, direcionando o conhecimento sobre a língua para uma maior apropriação da leitura e da escrita de diferentes gêneros textuais.

Nesse sentido, Antunes (2014) ratifica a necessidade de se pensar em uma proposta contextualizada para o ensino de gramática, ao enfatizar que a língua, em seu uso real e cotidiano, não se manifesta de forma isolada e neutra. Ao contrário, a língua exerce, por natureza, funções comunicativas, e tal fato justifica a urgência de se pensar e se fazer um ensino de gramática contextualizado.

Basear-se no princípio de que a língua — e, inserida nessa, a gramática — é inerentemente integrada a um sistema mais amplo de atuações sociais nos leva a ver a contextualização da língua e da gramática como um dos seus traços essenciais (ANTUNES, 2014, p. 48).

Nota-se, portanto, a preocupação demonstrada pela autora de ultrapassar uma prática que é voltada para a memorização de termos gramaticais e a aplicação destes em frases descontextualizadas, sem enunciadores e contextos de enunciação. Sob essa perspectiva, pensar a língua de forma contextualizada é pensar também o ensino dela nos mesmos moldes, postura que requer atitude crítica perante à tradição posta pela comunidade escolar. As considerações da autora, apresentadas a seguir, ilustram essa percepção:

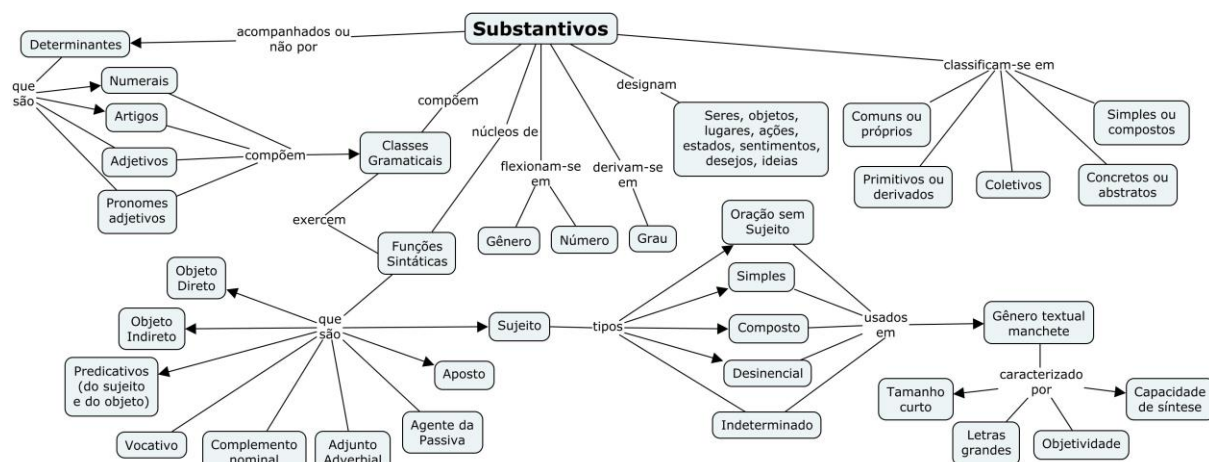
Em geral, ensinamos regras de sintaxe, por exemplo, repetindo o que está nos manuais de gramática, sem qualquer consideração à possibilidade de essas regras já não estarem vigorando entre os falantes mais escolarizados e em situações de mais monitoramento. As regras são ditadas como se valessem por elas mesmas, sem que os alunos sejam alertados para a possibilidade de que tais regras podem já não estar valendo ou podem valer apenas em um ou outro contexto (ibidem, p. 111).

É sobre esses postulados que será traçada, a seguir, a análise de um mapa conceitual, elaborado pelos autores deste ensaio, com o intuito de demonstrar a importância de subsunções para a construção do conhecimento gramatical contextualizado, voltado para as situações de comunicação e para os gêneros textuais.

4 - ANÁLISE DO MAPA CONCEITUAL

O mapa conceitual apresentado na Figura 1, a seguir, foi elaborado pelos autores deste ensaio e embasado nas classificações da *Gramática contextualizada*, livro de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (CEREJA; MAGALHÃES, 2013) e nas reflexões sobre os gêneros textuais, realizadas por Costa (2012). Foram tomados, como base, termos e explicações sobre substantivos, adotados na referida gramática de ensino médio e utilizados, comumente, por alunos desse nível de escolaridade.

Figura 1 - Mapa conceitual



Fonte: Os autores (2020).

No mapa conceitual, buscou-se apresentar a relevância da classe gramatical dos substantivos, em negrito, como um subsunçor elementar para a compreensão da função sintática sujeito e a presença desta no gênero textual manchete. A posição dos balões não representa uma hierarquia nas informações, exceto pela posição da palavra “Substantivo”, que ocupa lugar central na representação gráfica devido ao fato de ser o conhecimento prévio apontado como necessário para se construírem as relações ilustradas no mapa em questão.

É possível notar, inicialmente, que a classe gramatical aqui selecionada é dotada de complexidade no que tange à sua forma, pois conta com flexões, derivação e classificações. Os substantivos também podem se relacionar com os determinantes — grupo formado pelas classes gramaticais dos numerais, artigos, pronomes adjetivos⁵ e adjetivos —, de modo que eles fazem do substantivo um núcleo ao redor do qual podem figurar.

Os substantivos também demonstram profundidade quanto à função sintática⁶ que podem exercer dentro de uma oração, assumindo, mais uma vez, o lugar de núcleo, desde complementos verbais, como o objeto direto e o objeto indireto, até o

⁵ Consideram-se, neste ensaio, os pronomes possessivos e demonstrativos como pronomes adjetivos, de acordo com a classificação de Sautchuk (2010).

⁶ É importante destacar que, sob a perspectiva gramatical aqui adotada, nem todas as classes gramaticais exercem funções sintáticas, como é o caso das conjunções, das preposições e das interjeições.

adjunto adverbial, função esta que, por essência, possui como correspondente, a classe dos advérbios. A função sintática destacada nesta análise, sujeito, subdivide-se em cinco tipos, de modo que a configuração dela se dá pela presença de apenas um (sujeito simples) ou mais de um (sujeito composto) núcleo substantivo; ou, ainda, pela elipse dele (sujeito desinencial) ou pelo não preenchimento dessa função no eixo sintagmático (AZEREDO, 2013), o que ocorre nos casos de sujeito indeterminado e oração sem sujeito⁷.

Os conhecimentos da morfologia e da sintaxe do substantivo podem contribuir, por sua vez, para a melhor compreensão de gêneros textuais (ANTUNES, 2014) como a manchete, a qual pode ser encontrada em revistas e jornais físicos ou virtuais. Trata-se de um texto curto, breve, que busca sintetizar o assunto a ser abordado em outro texto, de maior extensão (como uma notícia ou uma reportagem), tratando-o com a maior objetividade possível (COSTA, 2012). Costa (2012, p. 163) destaca que a manchete “geralmente é um enunciado breve, mas de grande força enunciativa, que chama (...) a atenção do leitor para o fato de maior destaque e até pode atrair o leitor para a leitura da matéria jornalística destacada”.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se, neste trabalho, realizar uma análise das possíveis relações entre a Teoria da Aprendizagem Significativa e o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, dando ênfase à importância dos subsunçores, por meio de um mapa conceitual, no qual se explicitaram a classe gramatical dos substantivos, a função sintática sujeito e o gênero textual manchete.

De início, exploraram-se os pressupostos da Teoria da Aprendizagem Significativa, criada por David Ausubel, e dos mapas conceituais, concebidos por Joseph D. Novak, e foram detalhados os processos pelos quais as ideias prévias, existentes na cognição dos indivíduos, os subsunçores, podem ser modificados por meio dos processos de assimilação, diferenciação progressiva e reconciliação, além de apresentarem-se as implicações e condições para que ocorra esse tipo de aprendizagem.

⁷ O núcleo do sujeito também pode ser ocupado, de acordo com Cereja e Magalhães (2013), por pronomes e palavras substantivadas.

Posteriormente, realizaram-se considerações acerca do ensino de gramática. Para isso, foram elencados os referenciais teóricos da Análise do Discurso e da Linguística Textual, de modo a ilustrar um breve percurso histórico dos estudos linguísticos até os dias atuais, lançando mão dos conceitos inerentes à Gramática Contextualizada para demonstrar a urgência e a relevância de se pensar em estratégias pedagógicas que atrelem o ensino da língua ao contexto.

Por fim, realizou-se a análise de um mapa conceitual autoral, ferramenta que aborda a classe gramatical substantivo como um subsunçor, no qual foram ancorados conhecimentos sobre a função sintática sujeito e, sobre esta, informações acerca do gênero textual manchete, com o intuito de apontar a importância de se construir uma base gramatical à qual outras ideias poderão ser associadas.

Conclui-se, desse modo, que a construção de um conhecimento gramatical significativo para os alunos pode tornar a classe dos substantivos como um subsunçor de novos conceitos e características, os quais, sendo bem ancorados por meio dos processos de assimilação, diferenciação progressiva e reconciliação, permitem que o estudante se aproprie, de forma plena, da função sintática sujeito e a utilize para a leitura e a produção competente do gênero textual manchete. Nesse sentido, fica evidente que uma gramática contextualizada e bem ancorada pode contribuir para uma aprendizagem significativa da língua portuguesa, rompendo com uma abordagem essencialmente gramatical.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando o “nó” das ideias simples. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia** : geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2013.

BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v. 1. 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação**. 4. ed. São Paulo: Atual Editora, 2013.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual: introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRAZZON, Lúcia Morosini. Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel. **Revista Pedagógica**, Unoese-Chapecó, n. 3, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **Subsídios Teóricos para o Professor Pesquisador em Ensino de Ciências: Comportamentalismo Construtivismo e Humanismo**. 1. ed. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios5.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2020.

_____. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa** (concept maps and meaningful learning). p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2020.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010.